

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de São Paulo Class.: 266

Data 30 de novembro de 1978 Pg.: _____

Emancipação deixará índio sem terra, reitera o Cimi

^{FSP - 30.11.78}
LONDRINA (Do Correspondente) — "Os povos indígenas e os amigos dos índios que acreditavam no Governo, já não acreditam na sua boa vontade em defender os indígenas. Em vez de cumprir a lei que manda demarcar as áreas indígenas, o Governo está tentando criar uma lei de emancipação, justamente para tirar a terra dos índios".

Esta é a conclusão a que chegaram, em Londrina, os participantes de um encontro regional do Conselho Indigenista Missionário, reunidos para discutir os problemas dos índios localizados nas regiões Centro e Norte do Paraná e no Estado de São Paulo.

"A situação das terras indígenas no Brasil, hoje, é a grande prova da má vontade do Governo e dos interesses que estão por trás disso, prontos para devorar as terras dos índios. Dos Kaingang de Inhacora, no Rio Grande do Sul, aos Ingarikó no Pico da Roraima; dos potiguara na Paraliba aos Marubo e Maiuruna, do extremo oeste da Amazonia, a situação das terras indígenas é, no mínimo, dramática", denunciam os membros do CIMI, juntamente com os representantes da Comissão Pastoral da Terra, órgão da CNBB e da Associação Nacional de Apoio ao Índio (regional Paraná), também presentes ao encontro de dois dias e que terminou ontem, em Londrina.

Após uma análise da problemática da terra do índio, os participantes concluíram também que "não obstante demarcação, delimitação e interdição, todas as terras indígenas do país estão também tituladas em nome de terceiros, por omissão do órgão oficial (Funai). Além disso, o fato de uma área ser demarcada não representa, na administração da Funai, qualquer garantia e, em geral, essas áreas sofrem invasão".

Advertindo que essa situação ameaça a sobrevivência da cultura indígena brasileira e a própria presença física dos diversos povos indígenas, "pois se sabe da importância vital

da terra dentro do contexto cultural desses povos", os religiosos e leigos participantes da reunião do CIMI afirmam que "não foi o acaso que criou essa situação, pelo contrário, foi um processo histórico violento, no qual foram usados todos os tipos de meios e instrumentos e que teve sempre o fim declarado de destruir esses povos americanos", recordando que o processo de extinção dos índios "foi acelerado nos últimos dez anos".

FIM DA RESERVA

A extinção paulatina do posto indígena de Pinhalzinho, localizado no município de Tomazina, Paraná, foi denunciada durante a reunião do CIMI. O posto, com 689 hectares, tem hoje apenas meia dúzia de índios guaranis, em consequência de uma desocupação forçada pela Funai, mas que teve início em 1955, quando o então Serviço de Proteção dos Índios arrendou metade das terras para a secção do Fomento Agrícola Federal, que a ocupou durante 12 anos.

A partir de 1975, várias famílias de posseiros já viviam na área e a nomeação do funcionário Jurandir Brito, para chefiar a reserva, apenas acelerou a extinção do posto indígena. Segundo denúncia do CIMI, Jurandir transferiu várias famílias de índios para outras reservas sob a alegação de que a seca impossibilitava o plantio e a sobrevivência, mas que também mandou queimar vários ranchos tentando com isso impedir a volta dessas famílias.

INDIOS GUAJÁS

O sertanista Sidney Possuelo, da Funai, manteve contato, nesta semana, com os índios Guajás, os últimos indígenas arredios no Maranhão, que habitam a Serra do Piracambu, próximo ao divisor das águas do rio Gurapi e Pindará. Trata-se de um grupo nômade, formado por cinco homens, quatro mulheres e duas crianças que vivem exclusivamente da caça e extração do babacu.